

Sociedade Cancerígena

Gilson Dantas

BARBIER, Genevieve, FARRACHI, Armand. *La société cancérigène: lutte-t-on vraiment contre le cancer?* Paris: Points, 2007.

Uma médica (Dra. Genevieve) e um ensaísta (Armand, autor de *Os inimigos da Terra*) escreveram um interessantíssimo livro chamado *A sociedade cancerígena* (BARBIER, Genevieve, FARRACHI, Armand, 2007. *La société cancérigène: lutte-t-on vraiment contre le cancer?* Paris, France: Points).

Superando o discurso médico oficial, este livro denuncia os lobbies pró-câncer, a indústria do câncer e desenvolve argumentos imperdíveis sobre um tema que, entre nós, costuma ser focado de maneira conformista e pouco crítica.

Só como amostra, confirmam seu argumento final (em tradução livre):

“Na nossa sociedade do espetáculo, onde o falar é confundido com o agir, o discurso toma o lugar do programa e tudo é orquestrado para distrair os tolos”.

Abandonar os negócios públicos nas mãos de profissionais presumidos como mais competentes e que passam a se ocupar de tudo não é, de certa forma, acreditar na providência divina? “Este tipo de promessa convida à passividade e convida ao abandono de todo senso crítico para não contrariar a vida como ela é e o mundo tal como está construído” (203).

Os autores continuam argumentando com o exemplo das campanhas de governo contra Alzheimer ou câncer, por exemplo, que giram em torno de deplorar os efeitos da idade, encorajar a atividade intelectual, os jogos, a alimentação ou o esporte e até a defesa de mais recursos - sempre acanhados diante da necessidade - para pesquisas. Mas “são iniciativas que invariavelmente passam ao largo das questões verdadeiramente candentes como a das substâncias neurotóxicas ambientais, o alumínio na água potável,



o chumbo, o mercúrio, os pesticidas, os campos eletromagnéticos, os solventes industriais ou veículos químicos, passando, portanto, ao largo de que é a sociedade que engendra o câncer por todo lado”, e nos ameaça na condição de estrutura baseada na concorrência, no lucro, na exclusão massiva e no descarte de seres humanos.

Daí eles concluem: “O câncer não é apenas uma doença a mais, e sim também um indicador da civilização e do nosso grau de consciência” (203). Sua argumentação, ao longo do livro, converge para a conclusão final: vivemos em uma sociedade cancerofílica. Os autores se perguntam – sem avançarem em qualquer resposta de fundo, em todo caso – se não precisaríamos mudar o mundo para fazer o câncer recuar. Mas têm claro que “uma sociedade que fabrica seus próprios e poderosíssimos venenos não pode ser mais uma sociedade sã” (189). Fala dos idosos de hoje e dos de amanhã, com cada vez menos qualidade de vida em relação à décadas atrás. “Os velhos de hoje nasceram antes da generalização dos poluentes orgânicos duradouros e o seio que os alimentou não continha ainda nem dioxinas nem DDT” (193).

Faltaria acrescentar que esse mundo tóxico e seu modo de vida correspondente, não são negociáveis, são intocáveis para a casta política - como se viu na *Rio+20*. O poder econômico - na verdade e ao final de contas, o determinante - não está a fim de ir além da política-espetáculo, não é capaz de promover qualquer mudança de fundo. Aliás, em seu tempo, o Bush Júnior já chegou a declarar solenemente, depois de invadir o Iraque: “O modo de vida americano não é negociável”.

Aqueles autores argumentam, em certo ponto do livro, que o câncer de mama é hoje melhor diagnosticado e precocemente é mais curado, mas alcança mulheres mais e mais jovens. E se antes alcançava uma mulher em sete, hoje, em 2006, é uma em dez. E o avanço de câncer em crianças é lento, regular e sustentado. E é fora de dúvida – isso o livro deixa claro capítulo a capítulo, que “a toxicidade de nosso ambiente é uma causa incontestável de numerosos cânceres” (196).

Já se combate mais abertamente o câncer de pulmão e o cigarro, seguem argumentando, mas, e os cânceres em escala de massa e em constante aumento, suspeitos de estarem ligados a disruptores hormonais, como os de mama, tireoide, testículo ou próstata?

Concluem o livro procurando formular uma crítica ao discurso do progresso. Defendem outro tipo de progresso (“outro” em abstrato, mais ou menos como se se tratasse de uma mudança cultural). Esquecem de acrescentar que não se trata em

absoluto de um problema **do progresso** e sim da indústria e da tecnologia **baseadas no lucro**, desenhadas em função do lucro capitalista.

Na verdade eles reconhecem que os tóxicos não são consequência **inevitável** do progresso e nem é inevitável o crescimento econômico sem limites (192), e nem é razoável o “discurso científico de glorificação da tecnologia” (193), mas daí o que essencialmente propõem é limitar (a partir do governo) a fabricação de produtos cancerígenos (192); e falam em “obrigação ética” de defesa da prevenção (203) por parte do poder público.

“Obrigação ética” do governo capitalista? Pergunta óbvia: onde andou esse poder público todo esse tempo? Qual a verdadeira origem dessa inércia escandalosa e criminosa por parte do poder público? O chamado poder público é efetivamente público ou é genuinamente plutocrático? As determinações fundamentais da política pública (e do próprio processo eleitoral) ou aqueles que, ao final, manejam os cordões da política, não estão, por acaso, lá, no poder econômico?

Aliás, com tais pressupostos analíticos dos autores (temos que conter os “males do progresso”) uma dificuldade insanável destes autores poderia ser a seguinte: se hoje, bem mais do que há 50, 70 anos atrás, temos **mais** ciência e **mais** informações sobre o impacto devastador sobre a vida e a saúde pública a partir das chaminés industriais e dos escapamentos de veículos, por que essa poluição cresce sem parar? Ou, em outras palavras, e citando outro exemplo raramente focado, por que a mesma ciência médica que **sabe** que determinados métodos-diagnóstico (radioativos) engendram câncer e deprimem a imunidade, no entanto, continua incensando e promovendo o uso de tais métodos? Qual a origem desta “irracionalidade” ou, se, se prefere, insanidade, e de todas as irracionalidades que resultam em um mundo cada dia mais tóxico? Em resumo: **a quem interessa** que a sociedade continue cancerígena ou reproduza o câncer em escala crescente?

Ao naturalizarem a sociedade capitalista e a patronal capitalista, inclusive a que acumula capital na área da saúde – tais autores, por mais críticos e bem intencionados que sejam, permanecem submetidos aos limites ou ao paradigma da mesma sociedade que eles criticam.

Gilson Dantas

Doutor em Sociologia pela UnB. Membro do NPM (Núcleo de Pesquisa Marxista – UEG).
E-mail: dantas_dr@yahoo.com.br